

Experiência e Desenho

Zelinda Ascenso de Sousa Raposo

Componente Escrita da Dissertação – Mestrado em Artes Plásticas

Orientador: Professor Samuel Rama

Caldas da Rainha, março de 2023

Agradecimentos

...Agradeço aos meus pais que partiram... acredito no “Amor”, mas sei que nem todos o conseguem em si mesmos.

...Agradeço às minhas avós, porque na realidade elas fazem parte deste percurso, já partiram, mas deixaram-me o essencial: o “Carinho e a verdade em nós mesmos”.

...À Mãe e à Mãe da Mãe, por desde a tenra idade me terem levado, a que eu visse a “Terra” e a provasse:

– “A Terra que eu tanto Amo está circunscrita neste triângulo de “Dor e Amor”.

...A todos as pessoas comuns e professores por aquilo que me vão ensinado, e do qual eu tenho retido o melhor: *«O gosto por continuar a aprender»*.

...Aos filhos e aos netos, por sentir que fazem parte da minha verdade, a coragem de ser Mãe. *«Sentir que educar é uma missão complexa, cheia de dificuldades, mas com o lado bom de aprendermos juntos»*.

...No caminho de volta à escola, pois nunca é tarde, aconteceu porque senti rugir a porta que se estava a abrir. Tenho aproveitado da minha melhor maneira a aprendizagem do conhecimento dos professores, a marca que fica de cada um, o cunho pessoal dos seus saberes, o carinho que demonstram aos seus alunos e a cada matéria, pequenos nada, onde o sensível nutre escolhas e a descoberta de cada um.

- O agradecimento muito especial ao meu orientador, Professor Doutor Samuel Rama, pelos ensinamentos do autoconhecimento, todas essas dicas que têm vindo a contribuir para o meu crescimento enquanto pessoa, e fazer-me creditar que é o caminho certo. Os ensinamentos da sala de aula. Obrigado por me ter deixado o tempo sem tempo, para assim me desventrar dos excessos e assim poder caminhar no sentido lato e pleno de vida.

E é assim: - São os pequenos nada que nos abrem aos sentidos da Arte e da Vida.

- São as palavras simples, que nos alerta para o sentido do caminhar certo, proferidas pela Professora Doutora, Susana Gaudêncio, e um olhar cheio de brilho da Professora Doutora, Luísa Oliveira, a quando lhe comuniquei a escolha do nome do meu orientador Professor Doutor, Samuel Rama. Não esqueço a Professora Liliana Conde, por

ter sido naquele momento e na primeira pessoa a estimular-me para que eu viesse a abraçar este meu tão grande sonho.

Agradeço a todos os colegas das respectivas turmas que frequentamos em conjunto que desde a primeira hora me acolheram com dignidade, o respeito de companheiros.

Agradeço a todos os que saudavelmente,
nutrem carinho e dedicação pelo outro.

Índice

<i>Agradecimentos</i>	3
<i>Resumo</i>	7
<i>Abstract</i>	8
<i>Introdução</i>	10
<i>O Fazer do Desenho</i>	12
<i>Conclusão</i>	59
<i>Bibliografia</i>	63

Resumo

O presente trabalho pretendeu realizar uma abordagem a partir das imagens criadas desde 2012 até 2015, circunscrevendo-nos apenas aos trabalhos de desenho e pintura por uma questão de coerência. À medida que os trabalhos foram sendo realizados no ateliê, foram lidos os ensaios sobre a imaginação da matéria de Gaston Bachelard, algumas cartas de Cézanne, a Vida das Formas de Henri Focillon, bem como algumas passagens do tratado da pintura de Leonardo da Vinci. Foi também necessário perceber a natureza própria do desenho, e aí as duas principais referências foram John Berger e Philip Rawson, mas estas referências serviram para ir tomando consciência do que era necessário prestar atenção e não para produzir uma abordagem estranha à linguagem muda do desenho e da pintura, portanto não serviram para produzir uma abordagem literária, crítica ou de comentário ao meu próprio trabalho.

À medida que o trabalho se foi desenvolvendo no ateliê, começou a emergir a ideia de que não há desenhos sem experiência, e de que não há experiência sem memória do corpo que desenha. Sem querer, depressa se percebeu que o desenho se relaciona com o olhar para o chão, tal como nos ensinou Walter Benjamin no seu texto intitulado “sobre o sinal e a mancha”. Percebi isso não por um conhecimento profundo desse texto, mas por uma experiência de infância. A minha avó era cega, e eu desde tenra infância ficava sempre encarregue de a guiar nos espaços exteriores e interiores da casa onde habitava. Isso obrigava-me a estar constantemente atenta ao chão, aos seus percalços, declives acentuados e obstáculos, mas sobretudo, talvez para me evadir dessa tarefa, fascinavam-me a presença da terra na sua secura ou moleza, os musgos e os líquenes logo após as primeiras chuvas, todos com cores que não desbotam com o tempo.

Depois de uma vida inteira de trabalho, concorri através do concurso M 23, e pude então realizar a licenciatura e mestrado em Artes Plásticas, na qual pude trabalhar essencialmente o desenho, sempre com matérias que oscilavam entre o estado líquido e o sólido próprio da secagem do primeiro estado. Apesar de nunca saber muito bem o que iria fazer a cada início de um novo desenho. Descobri o significado do desenho enquanto acontecimento, à medida que a manipulação das tintas se dava sobre um suporte, e o lugar para onde me levavam estava quase sempre próximo da minha experiência de infância.

Palavras-Chave: experiência, desenho, manipulação, memória

Abstract

The present work intended to carry out an approach from the images created from 2012 to 2015, we circumscribed only to the drawing and painting works for the sake of convenience. As the works were being produced in the studio, the essays on the imagination of matter by Gaston Bachelard, some letters by Cézanne, H. Focillon's *Life of Forms*, as well as some passages from Leonardo da Vinci's treatise on painting were read. It was also necessary to understand the very nature of drawing, and here the two main references were John Berger and Philip Rawson, but these references served to make me aware of what I needed to pay attention to and not to produce a strange approach to the mute language of drawing and painting, therefore they did not serve to produce a literary, critical or commentary approach to my own work.

As the work developed in the studio, the idea began to emerge that there are no drawings without experience, and that there is no experience without the memory of the body that draws. Without wanting to, it soon became clear that drawing has to do with looking at the ground, as Walter Benjamin taught us in his text "on the sign and the stain".

My grandmother was blind, and from an early age I was always in charge of guiding her through the outside and inside spaces of the house where she lived. This forced me to be constantly attentive to the ground, to its mishaps, steep slopes and obstacles, but above all, perhaps to overwhelm me with this task, I was fascinated by the presence of the earth in its dryness or softness, the mosses and the lichens right after the first rains. all with colours that do not fade with time.

After a whole lifetime of work, I applied to the M 23 competition, and was then able to do my degree and master's in Fine Arts, in which I was able to work essentially with drawing, always using materials that oscillated between the liquid state and the solid state that is characteristic of the drying of the first state. Although, I never quite knew what I was going to do at the beginning of each new drawing, I discovered the meaning of drawing as an event, as the paints were handled on a support, and the place they took me to was almost always close to my childhood experience.

Keywords: experience, drawing, manipulation, memory

“o interesse de um sonhador dá às lutas de duas matérias indica uma verdadeira ambivalência material. Não se pode viver a ambivalência material senão dando alternadamente a vitória aos dois elementos. Se pudéssemos caracterizar a ambivalência de uma alma nas mais simples das suas imagens, longe dos dilaceramentos da paixão humana, como tornaríamos compreensível o caráter fundamental da ambivalência!”

Gaston Bachelard, A Terra e os Devaneios da Vontade – Ensaio sobre a Imaginação das Forças, São Paulo, 2001. P 63.

“Al observar algunas paredes cubiertas de manchas o realizadas con piedras de tamaños diferentes y variados y te entregas a la invención de escenas, podrás ver en ellas la imagen de variados paisajes, ornados de montañas, rocas, ríos, árboles, colinas y valles de todo tipo. E incluso podrás ver batallas y figuras que se agitan, o rostros de aspecto extraño, así como vestiduras e infinita cantidad de cosas que podrías transportar a su forma íntegra y adecuada. Con estas paredes variopintas sucede lo que con las campanas en cuyo sonido hallarás la palabra que imaginas.”

Da Vinci, Leonardo. Tratado de la pintura. “Los elementos del pintor”. Buenos Aires: Need, 1999. p. 239.

Introdução

Ao longo dos vários momentos do fazer do desenho tentei perceber como funciona o ato criativo. Depois de uma vida inteira de trabalho, tive vontade de quebrar barreiras, tentando compreender como se pode criar a partir da linguagem muda das tintas e dos pinceis. Necessitava de o fazer e de o expressar porque os estímulos reunidos durante a vida precisavam de encontrar uma quase-forma, algo que pudesse partilhar para além de contar histórias ou escrever um poema. O trabalho reunido nesta dissertação está dividido em vários andamentos intitulados: *o meu primeiro desenho com tinta, avidez do sonho, diluição e mistura, toca o caos, as forças e os diálogos comunicam entre si, entre azuis e cinzas – o espaço tornou-se quase que perceptívelmete real, vislumbrar um fluxo de pequenos seres em contexto de dança, fazer germinar, o desenvolvimento ascensional revisita os ritmos da natureza, moldura amalgamada, ação tomada em vida, pinceladas surgem espontâneas e a luz e as cores tépidas projetam-se entre o espaço, a imagem parece ser uma síntese, entre-escutar a “terra”, espaço atmosférico com alguns pontuais impulsos ascendentes, manancial de emoções, espaço ambíguo que tanto é aéreo como reflexo aquático, imagem com a espessura do desenho imaginado, este é um desenho transitório entre o mito e a crença, lugar que acolhe coisas de várias procedências, o ritmo da mistura, secagem e estabilização surpreendentes, sublime, aspereza da vida, constituindo por camadas, dar a ver, o direito a sonhar e a ambiguidade.*

Nestes andamentos pretende-se, que o trabalho de desenho realizado, as reflexões advindas das notas de atelier e a conclusão, construísse um entendimento da prática do desenho ancorada na experiência da vida e na memória. O trabalho da mão foi tido como primordial, para perscrutar os mais ínfimos sinais muitas vezes soterrados no inconsciente.

Desde cedo, a experiência do caminhar na terra, da água corrente, do crescimento das plantas, dos musgos e dos líquenes no Pinhal do Rei, foram refúgio para a minha imaginação. Lembrar essas experiências equivalia a um rasgão no tempo cronológico ordinário do dia a dia ditado por trabalho e pelas tarefas variadas. Depois de ler algumas passagens dos livros de Gaston Bachelard, percebi que afinal não estava sozinha nessa experiência de reconhecimento da matéria e da imaginação que ela providencia. Então Gaston Bachelard passou a ser livro incitador de trabalho no atelier, a sua influência não foi literária, foi plástica.

Após ter executado mais de uma centena de desenhos, achámos conveniente circunscrever a reflexão a apenas trinta e nove, para que no final e na conclusão se pudesse rematar o processo de trabalho com uma tentativa de definição da natureza própria do desenho a partir de autores referência como Philip Rawson, Jean- Luc Nancy ou John Berger.

O Fazer do Desenho

O meu primeiro desenho com tinta



Figura 1. Ascenso di Maria, Zelinda – “s/ título”, 2012 – ecoline sobre tela, 86 X 152 cm

A gestação desta imagem surgiu como articulação ou simbiose entre o *impulso* da experiência de *vida* e da prática processual da *arte*.

A linguagem muda das tintas, emergiu sobre a tela, de uma forma tão simples como a *água que brota da terra*, o importante é o processo de manipulação que gera *proto-formas ou proto-figuras*, na medida em que contêm a energia da figura sem o termo da sua *aparição acabada*.

Água, essa força suspensa muda e transparente que alimenta a “terra”, dá vida a novos seres. Aqui nesta tela, são perceptíveis seres como leões, dragões, ou melhor intuem-se quase figuras, as quais reforçam a ideia de força intrínseca da terra, dançando sobre o preto do desconhecido e, por vezes, da força destruidora ou regeneradora da terra.

Como não lembrar este propósito os textos de Gaston Bachelard sobre a poética da matéria, nos livros dedicados à terra¹, a poética e os devaneios da vontade e a poética e os devaneios do repouso. Bachelard qualifica ritmicamente a imaginação provocada pela matéria, nomeadamente a terra associada à dureza, e a terra associada à moleza.

A Terra liquefeita neste contexto, impele imaginação a tentar dominá-la, por isso tentei dar-lhe uma forma, porque há no líquido e na moleza, algo que nunca se controla totalmente, mas que por isso mesmo convoca a nossa atenção para o tentar edificar de uma forma.

O preto contrasta com o amarelo, este juntamente com o branco imediatamente sugere luz, e nas margens acontece o verde, numa união entre a destruição, a força e a vida que a terra sugere e emana. Tudo parece completar-se, tal e qual como a essência destruidora e construtiva, que parece muitas vezes dançar dentro de nós.

Numa concordância harmoniosa, vejo um paralelo entre o desenho e a “terra”, ambas são o suporte do meu olhar, que se desagrega por entre formas e modos de ver. É na pintura que procuro explicação para a força ambígua da devastação e da criação da vida.

A composição aparece como um campo de luta entre forças terrestres e atmosféricas. o negrume do lugar da Terra luta com a luz de um espaço para ser atmosférico. Essa luta não se resolve, mas dá-nos a sua imagem em acontecimento.

¹ Bachelard, G. (1990). *A terra e os devaneios de repouso*. São Paulo: Martins Fontes. E Bachelard, G. (1991). *A terra e os devaneios da vontade*. São Paulo: Martins Fontes.

Avidez do sonho



Figura 2 Ascenso di Maria, Zelinda – “s/ título”, 2012 – ecoline sobre tela, 77 X 84 cm.

Este desenho surge na avides do sonho, o gesto da mão agarrou as tintas e colocou-as em movimento sob o suporte, trazendo misturas, hesitações. A mistura de tintas, umas vezes mais diluída e outras tantas mais opaca, ao tocarem a superfície da tela, misturaram-se, subdividiram-se de forma natural, sem controlo, numa espécie de automatismo do acontecimento, dando vida a um novo desenho.

Estas evidências acontecem, casualmente, entre seres vivos, existentes na “terra”, tal como em Leonardo da Vinci: o importante não é a pintura das formas, mas a pintura das forças, e estas são gémeas da vida. Observar atentamente um torrão de terra, o crescimento assistemático de um líquen ou de uma porção de musgo, gera um ritmo e uma força que não nos largam mais. A opção por determinados gestos e não por outros terá na sua raiz esta observação acumulada desde tenra infância.

Interesso-me pelas situações do acaso, coisas que a terra faz acontecer, surpresas reservadas ao olhar, ocasião e espontaneidade; percebo que “ela” disponibiliza um cem número de matérias, para a vida e para a arte. Imagino o seu lado obscuro e misterioso, a

minha experiência cruza a arte com as coisas da “terra” e esta abordagem, leva-me a perceber que ambos surgem personificadas, por cores, sons e formas.

Uma *arte menor* é executada pela mão do artista, e uma outra, a *arte primeira*, existente na «terra», de *dom especialmente* “Divino”, capaz de se renovar e manter-se *viva*, em suas *pinturas*, e a cada instante, há milhões e milhões de anos.

Por sentir o privilégio do que é viver no meio desta “arte mais exigente”, e a sorte do estar *aqui*, sinto-me encorajada a partilhar, as minhas experiências positivas, como valor estético, imagens materializadas pelo devaneio, pelo toque da mão, e imaginação sobre coisas da “terra”.

Palavras que me inspiram...

«Venho da terra assombrada, do ventre de minha mãe

«não pretendo roubar nada nem fazer mal a ninguém

«Só quero o que me é devido por me trazerem aqui.»

Letra: **António Gedeão**, música: **António Correia de Oliveira**. (*Ler e ouvir*)

Nesta pintura, a mesma imediatez do desenho ocorre, contudo, o negro já não é tão forte, parece já ter cristalizado mais, e o tempo surge como algo extenso, O Tempo das cores que não desbotam, as cores das rochas e da terra parecem estar a adquirir uma possibilidade mais estável dentro do suporte.

Diluição e mistura



Figura 3. Ascenso di Maria, Zelinda – “s/ título”, 2012 – ecoline sobre tela, 94 X 140 cm.

O ato criador de alguns dos meus desenhos surge da diluição e mistura das tintas sobre um suporte. A mão ajuda-as a tornarem-se homogêneas e diluídas, de modo a ocuparem todo o espaço da tela, unindo-se a uma ação semi controlada que vem auxiliar no surgimento da imagem, a qual começa por tomar uma forma física, lentamente, e vai dando vida à tela.

A imaginação e o sentido tátil, aproximam-me da essência da “terra”, e o prazer, a alegria e o medo, combinam-se para executar o ato criativo dos objetos de arte, de uma arte menor.

Uma mistura destes gestos e algum saber, intensifica a minha vontade de continuar a olhar e de contemplar as essências da “terra”. O olhar próximo do que me é dado a observar,

pode contribuir para a regeneração de novos olhares. Mas é através do invisível que consigo discernir melhor o ato de criar, pois é aí que reside o sonho e a imaginação. Parto do pressuposto que aos meus pés, quando caminho, existe vida, é fácil entender que ela está em tudo o que é “terra”. Apresenta variadas formas e tamanhos, pode ser gigante ou micro. Seres vivos que a constituem, assentam nos princípios, que a tornam sustentável e os micro organismos são responsáveis pela vida equilibrada que está à minha volta, eles processam-na, unem-na, redistribuem-na e o equilíbrio deve-se essencialmente ao poder das algas dos musgos e dos líquenes.

Uma mancha progride no centro da folha, a força descendente é mais forte que a ascendente, a primeira torna o espaço mais atmosférico, a segunda torna o espaço mais duro e próximo de um torrão de terra.



Figura 4. Fotografia sobre a percepção do lugar, matéria orgânica suspensa sobre a água. Ria Formosa, 2019.

Figura 5. desenho no espaço, foi constituído pela matéria orgânica disponibilizada pela Ria Formosa, 2019.



Figura 6. Ascenso di Maria, Zelinda – “s/ título”, 2012 – ecoline sobre tela, 90 X 131 cm.

A imagem deste desenho surge mais uma vez na sequência da diluição da tinta que se espalha, sobre um suporte. A *ação*, espontânea e *livre*, na escolha das cores, resultou numa mistura subjetiva, acabando por lhe dar o tom e o movimento, de inesperado sentido. A sequência e o equilíbrio são essências da “terra”, essa Arte Maior. O desejo e a mão, constituíram o impulso; a matéria arrancada ao gesto da mão foi levada a outro lugar, possibilitando-lhe ascensão e leveza. Este é um objeto subjetivo, indizível constituído por matéria, mas tem a capacidade de se evadir da própria matéria do tempo.

A imagem parece derivar de um encontro entre duas manchas: os de génese das formas estão bem identificados e a produção de ambos no contato e na mistura encontra um sentido na relação com os limites do suporte.

Toca o caos



Figura 7. Ascenso di Maria, Zelinda – “s/ título”, 2012 – ecoline sobre tela, 95 X 143 cm.

O desenho é uma forma de questionamento, toca o caos, mune-se de forças e cria o impulso para a criação, podendo nomear opostos atemporais.

Aleatoriamente, as tintas diluídas formaram a mancha e a intervenção da mão e do pincel acrescentou a mobilidade. Esta imagem é constituída por antagonismos, tem a capacidade de transformar vicissitudes em gestos, as quais a mão não consegue apagar.

No ato criador, sente-se que a matéria se tornou fluida, escorrendo como água, permitindo, assim, fixar a imprecisão dum hino à vida.

Uma enorme mancha cor sanguínea que é uma conta da composição central do suporte emerge, assim colocada, é impossível não associar esta imagem às questões fundamentais da vida, como o nascer e o morrer ou até a germinação potencial e incandescente no centro da terra.

As forças e os diálogos comunicam entre si



Figura 8. Ascenso di Maria, Zelinda – “s/ título”, 2012 – ecoline sobre tela, 58 X 98 cm.

A diluição da tinta, que se espraia sobre o suporte, constitui parte do desenho, nele fluem castanhos terra, os quais se manifestam sob formas orgânicas. As forças e os diálogos comunicam entre si, bem como a imaginação, metaforizando as formas de olhar sobre as

coisas do mundo. A “terra”, surpreende-me a cada instante e, com ela, eu apreendo uma imensidão de sentidos e o sentido da vida, pois ela é um livro aberto aos seus guardiões. Ela tem uma enorme capacidade de se organizar e regenerar e estas são as coisas da ordem do sensível que não nos são dadas a ver, apenas a sentir.

Eu amo a “terra”, é o meu suporte de vida e entrego-me ao seu entendimento. Dominam a mistura e a tentativa de edificação de formas, no plano frontal evidenciam-se três afirmativas massas verticais, quais *chaminés de fada!* Seja lá o que for, funcionam como pauta para um jogo de nuvens que afinal pode ser de terra.

Entre azuis e cinzas – o espaço tornou-se quase que perceptivelmente real

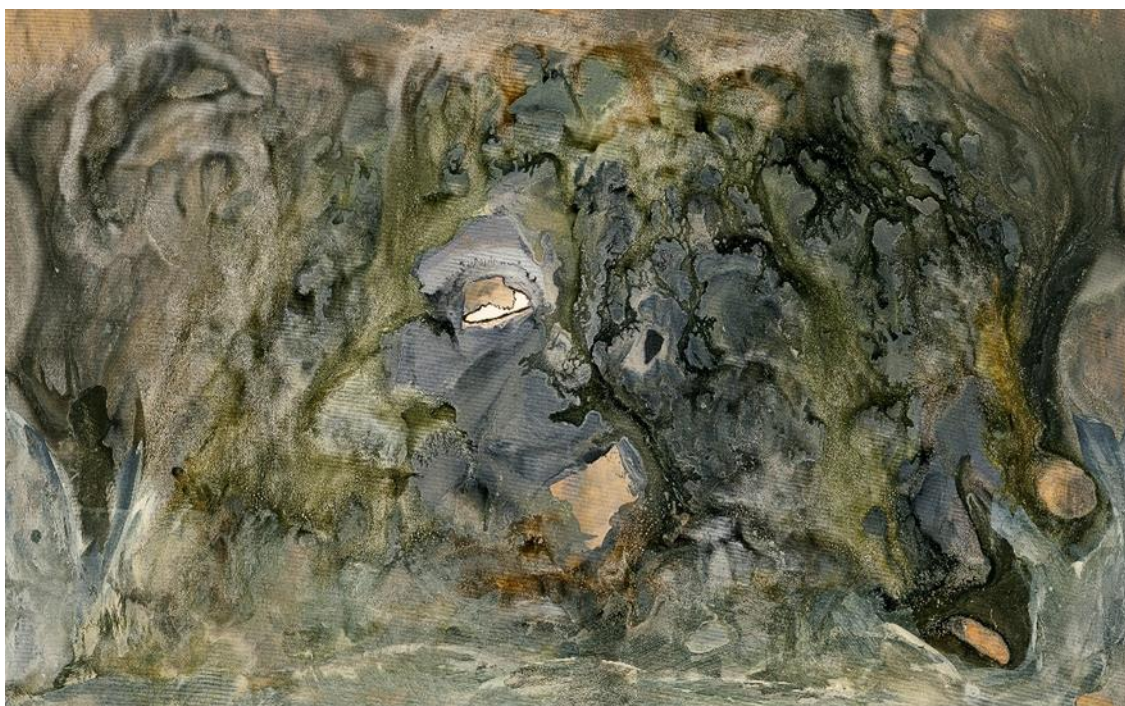


Figura 9. Ascenso di Maria, Zelinda – “s/ título”, 2012 – ecoline sobre tela, 55 X 97 cm.

Este desenho emergiu das cores das tintas diluídas sobre o suporte, criando uma ilusão de movimento, o tom predominante centra-se entre azuis e cinzas. O espaço tornou-se quase que perceptivelmente real, caracterizado pelo entardecer, sendo visíveis alguns pontos

diáfonos. A ansiedade tomou-me conta da mão e tornou perceptível o lugar da imaginação.

O sentido do olhar transforma estes lugares em encantamentos e estranhezas, pela dificuldade de decifrar o que a “terra”, me está dando a conhecer e a sentir. Tenho muitas dúvidas iniciais do que observo sobre “ela”, porém, percebo que há desencanto, pela falta de capacidade em perceber todo o seu mistério. Intento que o ato criativo continue como o bom motivo para contemplá-la como sua guardiã.

Soturna, esta imagem apresenta uma progressão deliberadamente ascendente, como as árvores, ou como vapor de água que sobe por ação da evaporação.

Vislumbrar um fluxo de pequenos seres em contexto de dança



Figura10. Ascenso di Maria, Zelinda – “s/ título”, 2012 – ecoline sobre tela, 58 X 99 cm.

A gestação deste desenho surge na sequência da diluição das tintas sobre a tela, a qual as agarrou muito lentamente. Aleatoriamente, as cores, na sua mistura, apresentaram-se de forma fluida e transparente, parecendo proporcionar movimentos harmónicos. Pareço

vislumbrar um fluxo de pequenos seres em contexto de dança, os quais vão sendo atirados para um centro que os faz rodopiar, em simultâneo com a levitação ilusória do desenho.

Aqui, senti o limite entre o ato criativo, a natureza e a paisagem, pela riqueza orgânica das coisas da “terra”. Este desenho tornou-se-me perplexo, pelo olhar identitário que cruza o que vem de dentro e o que está fora, nele e em mim. É esta forma objetiva que quero dar a conhecer através da linguagem muda do desenho.

Dominada por cores pálidas, leves cinzas e castanhos, tecem um espaço sereno, espalhado, amplo do que aquele que o próprio suporte poderia supor. As misturas menos diluídas servem para ver a palidez das restantes aplicações de tintas.

Fazer germinar



Figura 11. Ascenso di Maria, Zelinda – “s/ título”, 2012 – ecoline sobre tela, 55,5 X 96 cm.

Na criação deste desenho, a tinta espalhou-se sobre a tela com o aconchego do pincel. O uso da cor do *grão* não veio ao acaso. Por um lado, pode parecer que a “terra”, é muito complexa, quando a vimos num todo, mas, observando-a com os seus detalhes, percebemos, a sua enorme capacidade em se renovar e regenerar.

A “terra”, a Mãe-Terra, tem a capacidade organizativa de guardar todas as sementes em lugares certos, como se fossem jóias, cuidadosamente reservadas no seu báu, mas, no

nomento certo, encarrega-se de as fazer germinar e desabrochar, dando vida como se fosse sempre pela primeira vez.

A “terra” é um *lugar sagrado* e há seres que partilham desta riqueza e deste espaço, como é o caso dos pássaros e do vento, os quais com as suas magias transportam sementes para os mais diversos lugares, mesmo os mais inóspitos, permitindo um renascer miraculoso, como se a “terra” fosse uma Fénix que renasce das cinzas.

É nesta reflexão que aprendo com os seus recursos e olho para a vida com um olhar renovado, de artista: cuido, ajudo, partilho, protejo, crio, com a sabedoria vigente nesta tela sobre a nossa “Mãe”, a “Mãe-Terra”.

Luminoso, este desenho da sua condição a articulação do amarelo com o branco, que desde o barroco sugere luz. pontualmente o cinza, corrompe este espetáculo lumínico, mostrando ao mundo a informação cheio de contradições e topografias aéreas.

O desenvolvimento ascensional revisita os ritmos da natureza



Figura 12. *Ascenso di Maria, Zelinda – “s/ título”, 2012 – ecoline sobre tela, 57 X 98 cm.*

Nesta tela dei vida ao sentir, recorrendo aos tons cinza e laranja, metáforas das forças de energia. Desenho no espaço, como num êxtase devassado, que por gestos desconhecidos do meu impulso para o ato criativo, parecem expandir toda a minha realidade interior.

A “terra” reage mal às invasões mundanas e as tintas e as cores que primei por utilizar, desenham e descreveram a assombração de fragmentos do olhar. As linhas diluídas e ajustadas, construídas com a ajuda da mão e do pincel, a partir dos modos de ver, traduzem uma realidade dizível, de valores desajustados, profanos, maléficos não constitutivos da “terra”, em suma, o identitário que perpetua entre o bestiário do desconhecido e o ignóbil. Esta não é, de todo, a “Terra”, que desvelo e busco como poesia.

Ritmicamente organizado, este desenho funciona como uma espécie de escrita, que aceita o bordo inferior do suporte como limite de pauta. O desenvolvimento ascensional revisita os ritmos da natureza, do magma, dos líquenes, ou do crescimento das plantas e das árvores.

Moldura amalgamada



Figura 12. Ascenso di Maria, Zelinda – “s/ título”, 2013 – ecoline sobre tela, 57 X 98 cm.

Nesta tela represento uma moldura amalgamada, num ritmo transitório, constituída por desenhos e gestos, traduzindo o meu desejo de viajar através do tempo. Os traços, as linhas, as tintas e as cores são a sequência descrita de um tempo fantástico. Porém, aqui mitiga-se a verdade criativa, pois o pincel ajustou-se à vontade estética da realidade. A dor vem pelas fendas, que agregam sentido e identidade desprovida de certas realidades, procurando descrever realidades outras.

Em relação a esta imagem assinalada com a figura 11, mantém-se um arranjo rítmico, mas desta vez autonomiza-se do bordo inferior do suporte elevando-se. Ao elevar-se conheço melhor o espaço aéreo não submetido à gravidade e assim os gestos engendram outras formas de escrita espacial.

Ação tomada em vida



Figura 13. Ascenso di Maria, Zelinda – “s/ título”, 2013 – ecoline sobre tela, 56,5 X 98 cm.

A morte e a vida abraçam-se em simbiose nesta tela. As cores e as emoções são o cerne da representação artística, pois a tela comporta um sentido estético, carregado da essência

de uma vida, no dia da morte de “Nelson Mandela”. A cena remete para o último adeus ao povo, ao líder, à música, à poética, a toda uma ação tomada em vida por esse líder.

“Que tuas escolhas reflitam os teus sonhos, e não os teus medos”

Nelson Mandela 18/julho 1918 – 05/Dezembro 2013.

A imagem volta ao sítio da sua génese, ao bordo inferior, onde as figuras são mais nítidas e mais evocativas.

Pinceladas surgem espontâneas e a luz e as cores tépidas projetam-se entre o espaço



Figura 14. Ascenso di Maria, Zelinda – “s/ título”, 2013 – ecoline sobre tela, 57 X 98 cm.

Algumas pinceladas surgem espontâneas e a luz e as cores tépidas projetam-se entre o espaço da criação e o da comunicação.

Nesta tela, não se pretende interpretar os signos no seu sentido lato, mas pretende-se olhar através do foco da subjetividade, enquanto teoria reflexiva que interpreta os signos da existência do homem, isto é, a sua essência como sujeito de ser, agir e pensar, construindo a sua maturidade existencial.

Nesta cena, o lado sensorial revela-nos a escolha de um eleito e a contemplação, como ato espiritual, centra-se na vida em constante renovação.

O bordo inferior na sua parte central é o lugar de encontro de quase figuras que, agarradas à terra, incitam aos dois acontecimentos aéreos.

A imagem parece ser uma síntese



Figura 15. Ascenso di Maria, Zelinda – “s/ título”, 2013 – ecoline sobre tela, 57 X 98 cm.

O parto desta força criativa, surge na sequência da diluição da tinta que se espraia pelo suporte, que é a tela. Algumas pinceladas intensas criam o lugar e, com alguma, profundidade, é anunciada, uma sensação, de “tensão e ruína”. Quando olho apercebo-me que a mobilidade estrutura o espaço. Posso observar luz, formas e limites, «inputs», sensoriais, os quais foram transferidos através da visão, do olfato (sentindo-se a experiência do espaço), do tato (que intervém nas sensações do visível e nas texturas que ajudam a identificar, onde estamos). Estas não são falas, do “canto da terra“, mas situações, incursões visíveis, que dão voz à poesia.

A imagem parece ser uma síntese da relação ascensional e descendente já vista em desenhos anteriores. Outro aspecto importante é a relação que a gestação das formas estabelece com os limites do suporte, superior e inferior, assim como com as laterais contido desta forma. Conseguimos, assim, imaginar facilmente o desenho como penetrável disponível ao nosso olhar.

Entre-escutar a “terra”



Figura 16. Ascenso di Maria, Zelinda – “s/ título”, 2013 – ecoline sobre tela, 55 X 96 cm.

As cores, ao serem orientadas, tomam vida e ritmo no suporte, fixando-se sob o branco da tela. As tintas, meio diluídas, submetem-se à indecisão do ato criativo, dando corpo a formas subjetivas, enquanto o corpo se ajusta ao gesto da mão, descreve o olhar, e osculta os círculos da vida.

Os gestos que me são dados a perceberem pela “terra” são que a “ela” pertencem e é nela que me transformo. O desenho, como espécime, apenas descreve o espaço e permite-nos entre-escutar a “terra” e os seus poemas: «o por do sol»; «as ondas das marés»; «seara em movimento».

A “Terra” é o meu mundo, a minha casa, os meus segredos e «a estrela que conduz à fonte».

Deixo, de seguida, mais um apontamento interno.

Retorno à infância:

Ai, fontes!

Onde um dia refleti meu rosto.

Ai, fontes!

Onde um dia vi a água que corria;

E seguia-a até onde a minha imaginação queria.

Ai, fontes!

Onde um dia fui encher a minha bilha,

De volta casa parti-a.

Se ela estivesse inteira,

Enchia-a da mesma maneira.

Ai, Fontes!

Em espelho de água corriam as maçãs que caíam.

Eu seguia-as,

Empurrava-as com um pauzito,

Para quê?

Para que não ficassem encalhadas.

As mimosas sempre sorridentes.

As avencas olhavam-se no mesmo espelho,

Pareciam dar-me as boas vindas

E como eu gostava de as ver!

Corri pela seara ondulante!

Aqui e ali esvoaçavam, bandos de pardais.

Mas logo poisavam de novo.

Ao ouvir o coaxar da rã,

Corria como criança, para a ver.

Mas ela matreira, logo saltava na água,

E escondia-se entre as lentilhas.

Nos espaços abertos refletia o sol de todos os dias.

De soslaio, uma nuvem marota mostrava o seu encanto,

Levando-me com ela.

Era quase noitinha, regresssei à fonte.

E naquele silêncio, apenas ouvia a cantarinha a encher.

De repente o céu escureceu!

As estrelas puseram-se à janela, a tremer,

Talvez por me verem!

Pois, todos os dias as contava.

Via como estavam organizadas.

De vez em quando uma caía, e eu pensava.

A mãe dela deve estar zangada.

Nunca soube onde se ia esconder.

Mas gostava de conhecer a sua mãe,

Para ver se era igual à minha.

(fevereiro, 2018)

Zelinda Ascenso

Espaço atmosférico com alguns pontuais impulsos ascendentes.



Figura 17. *Ascenso di Maria*, Zelinda – “s/ título”, 2013 – ecoline sobre tela, 58 X 98,5 cm.

Este como outros desenhos, surgem a partir do “inconsciente”, a que os homens da ciência, deram o nome de “Psicanálise”. Sobre este conhecimento científico nada posso acrescentar, mas sinto que o inconsciente existe, e em mim manifesta-se como autodefesa. Sou inquieta, faz parte da minha natureza e inconscientemente sou transportada ao ato de olhar e criar. Procuro que exista uma analogia entre a experiência e as coisas da “terra”.

Este desenho parte fundamentalmente do impulso e gosto de ver as tintas em movimento sobre o suporte. Contemplo, vejo como elas se vão agregando e desagregando e nesta pausa do tempo, volto de novo à “terra”, fazendo associações entre o que vejo no suporte, e o que “esta”, me dá a ver, e percebo que “ela”, também disponibiliza, *invisíveis*: as suas reações atmosféricas. Estes fenómenos acontecem porque *estas matérias são* propícias aos acontecimentos: o vento, o sol, as marés, a humidade do ar e as altas e baixas pressões, que podem ser constantes, rápidas ou lentas. Quando estas matérias se conjugam com o tempo certo, são-nos dados a ver fenómenos que só a “terra”, nos reserva, como é o caso da ocorrência da chuva, da neve, do granizo, das *neblinas* e dos *nevoeiros*. Estes últimos vêm ao caso, por sentir que são a *sublimação* da “terra”, o tempo do seu recolhimento, o

seu silêncio, que, pouco ou nada, nos deixa ver, fazendo pensar no que está para além de, o que esconde no seu escuro e em sua profundidade.

Estas são algumas das sensibilidades que o desenho pode expor. Dominada por cores diluídas e claras, percebemos pelas direções errantes da sua colocação e as orgânicas pinceladas que a sua gestação ocultou outras decisões anteriormente tomadas. Ficando apenas uma espécie de espaço atmosférico com alguns pontuais impulsos ascendentes.

Manancial de emoções



Figura 18. Ascenso di Maria, Zelinda – “s/ título”, 2013 – ecoline sobre tela, 56 X 97 cm.

O desenho parece flutuar com as essências da “terra”, envolvidas em estigma e leveza, as quais cobrem seres que nela habitam. Os lugares dos meus desenhos, por norma, são lugares do sagrado, quase mediúnicos. Surgem pelo efeito de cores e tintas à mistura com a distância, num misto de luz que nunca se apagou. Ao redor, a vida gira à volta de um canavial, à margem de um rio.

Este manancial de emoções faz-me lembrar que um dia, um pássaro passou e levou os meus sonhos; mais tarde, encontrei-os na cerejeira do meu quintal; subi a ela e agarrei-os, para os deixar voar.

Nesta imagem assinalada com a figura 18, dominou os verdes que adquirem o seu sentido quando ascendem e ocupam o lugar do céu.

Espaço ambíguo que tanto é aéreo como reflexo aquático.



Figura 19. Ascenso di Maria, Zelinda – “s/ título”, 2013 – ecoline sobre tela, 57 X 98 cm.

O desenho extravasa todos os limites da tela, toca o infinito, nada o obriga a fixar-se. Tintas e cores dão-lhe o tom e o movimento, os desenhos que não restringem, nem factos nem momentos são reflexos da imaginação, prontos a viajar no espaço e no tempo, não necessitam de museus para serem vistos, pois são livres. A sua essência entra e sai na superfície das águas dos lagos e os oceanos correm mundo, no espelho dos rios, e de quando em quando, uma nuvem mais atrevida espelha sob a “terra”, cria, redesenha novos espetros.

De novo as cores do sangue e das rochas, as sanguíneas e as terras queimadas que a nossa história comum, em especial a história da arte documenta em séculos e séculos de prática artística relacionada com o desenho desde a pré-história passando pelo renascimento. Articulação cromática em movimento parecem gerar um espaço ambíguo que tanto é aéreo como reflexo aquático.

Imagem com a espessura do desenho imaginado.



Figura 20. Ascenso di Maria, Zelinda – “s/ título”, 2013 – ecoline sobre tela, 56 X 97 cm.

Olho-o, fixo-o entre uma catedral ou uma floresta. São cores, tintas e luz que criam o espaço e me convidam a atravessá-lo. O êxtase de um só espaço estimula e influencia dois modos de ver: o primeiro, olhado como metáfora de uma catedral, faz-me sentir a sua altivez, levando-me o pensamento ao labor quotidiano dos homens do passado, do seu sacrifício e do sentido de preservação; o segundo, referente ao mesmo espaço altivo, olhado como floresta, lembra-nos aquilo que homem contemporâneo alguma vez verá, ou seja, uma catedral.

Vigorosamente desenhada, as pinceladas negras que recobrem o creme do fundo ora o revelam, engendram uma estrutura pré-geométrica, uma geometria muito pedestre, que não revela nem ortogonais, nem diagonais, mas em simultâneo, animadas por uma força destrutiva e construtiva que vem para cá e foge para lá, dentro dessa estrutura.

Este é um desenho transitório entre o mito e a crença.

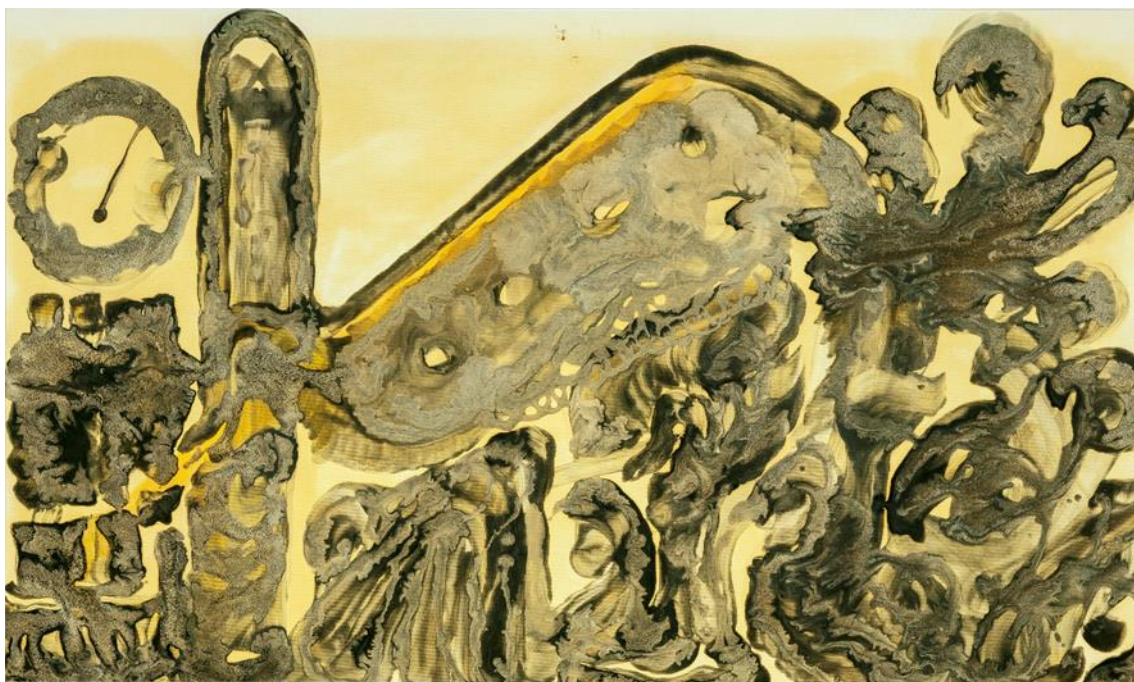


Figura 21. *Ascenso di Maria*, Zelinda – “s/ título”, 2013 – ecoline sobre tela, 58 X 97 cm.

A tela expõe um espécime de templo, sem formas específicas, desconfigurada pela descrição do gesto e das cores. Pululam seres em suspensão no *templo*, num tempo que varia entre o *nascimento* (Natal) e a *morte* (Ressurreição - tempo pascal condicionado a exéquias entre natural e sobrenatural).

Na minha criação, as tintas bordaram, com a ajuda da mão, a memória suspensa, ornada pela expressão dum retorno à vida.

Nascidos do bordo inferior do suporte, os ritmos, as pinceladas orgânicas elevam-se de forma mais ampla ou mais contida, ajudando a construir o seu limite superior, uma espécie de arquitetura, talvez uma igreja?...

Lugar que acolhe coisas de várias procedências



Figura 22. Ascenso di Maria, Zelinda – “s/ título”, 2013 – ecoline sobre tela, 58 X 98 cm.

O desenho acomodado a anúncios de alguns elementos da “terra”, fonemas e poéticas, avizinham imagens em observação, como um lugar que acolhe coisas de várias procedências. Sente-se um tempo que cruza o olhar a imaginação e o espaço.

Tintas, matéria, luz, cores e movimento arrastam consigo algumas incrustações sobre a tela. As questões orgânicas fixaram-se, não pelo tempo atmosférico, mas como metáfora que extravasa a tela e se prolonga sobre a “terra”, como uma realidade próxima.

O negrume organizado em lóbulos abertos progride em direção ao bordo inferior, estabilizando mesmo antes de chegar perto desse limite. Pelo interior dos lóbulos deixados vazios, adivinham-se rendilhados, túneis ou espaços de luz.

O ritmo da mistura



Figura 23. Ascenso di Maria, Zelinda – “s/ título”, 2013 – ecoline sobre tela, 57,5 X 100 cm.

O desenho é uma experiência executada através dos sentidos na relação com os sentimentos e os dados do intelecto através deles, vejo e dou a ver o que perceciono à minha volta, não necessitando de aprisionar a criação artística, na descrição de uma possível narrativa. Pode ser apenas uma descrição reflexiva, proporcionada pela experiência da realidade, enquanto observadora. Os desenhos também podem ser executados simplesmente a partir de objetos imaginados. Mas aquando da sua execução, através das tintas, as cores divisíveis criam luz e moldam o espaço da matéria, podendo perceber-se alguma verossimilhança, quando o meu ou vosso olhar, observar coisas da “terra”.

Olhando a partir do bordo inferior, a imagem representada na figura 22, parece colocar o espetador no lugar de uma clareira modelada com as pinceladas mais serenas. Progredindo na composição, encontramos um segundo nível, onde a serenidade do primeiro plano sucede o ritmo da mistura, abraçando o elemento terra. Essa área dominada pela cor cinza leva-nos a outro espaço, mais difuso, de gestos mais largos aéreos, turbulentos e infinitos. A este propósito como não lembrar, a serenidade do plano terrestre em Caspar David Friedrich, e a turbulência aérea de William Turner.

Secagem e estabilização surpreendentes



Figura 24. Ascenso di Maria, Zelinda – “s/ título”, 2014 – ecoline sobre tela, 57 X 97,5 cm.

São as tintas e as cores que constituem o desenho e fazem parte de um caminho que copula espaços vivos, sensações observadas num misto de intuição e de “vida”. A mão apenas ajustou, de forma espontânea, uma natureza que se me depara ao “olhar”, entre as coisas da “terra” e do quotidiano.

Por vezes, as imagens desenhadas a partir de tintas fluidas encontram, dependendo do tratamento e da natureza porosa do suporte, formas e lugares de secagem e estabilização surpreendentes. Isso podemos ver na imagem da figura 23. Nela o bordo superior e lateral direito estabilizou, secou mais rapidamente do que o espaço interno, e, por essa razão, nos limites entre fluidez e ausência de fluidez se desenharam cabeças que mais parecem ser rochas.

Sublime

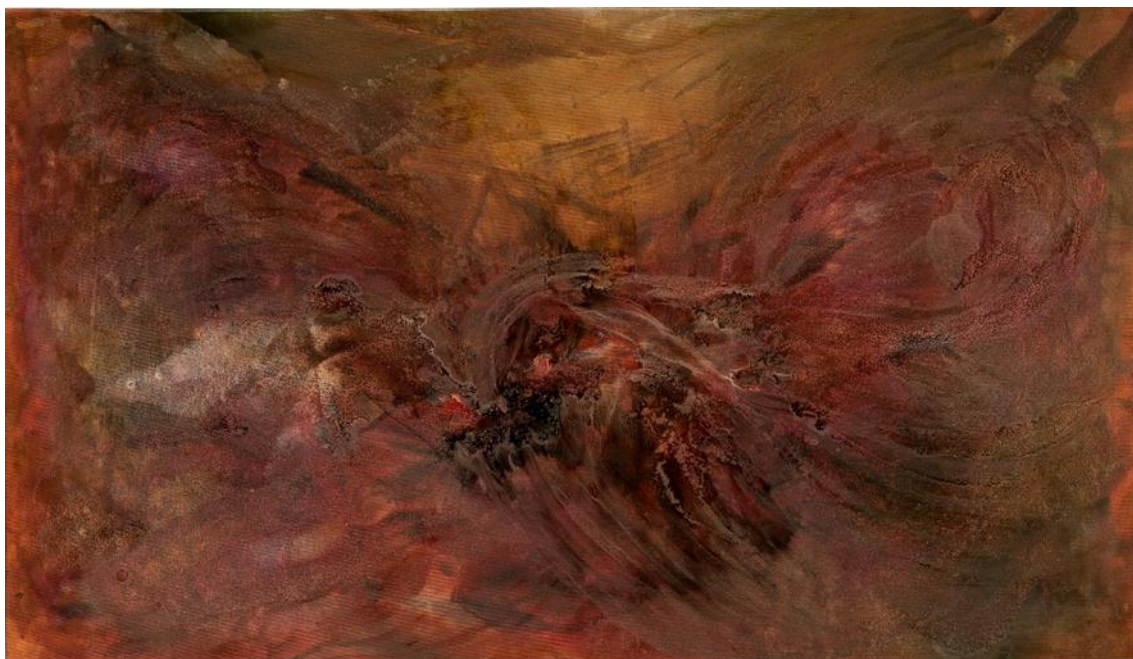


Figura 25. Ascenso di Maria, Zelinda – “s/ título”, 2014 – ecoline sobre tela, 56,5 X 98 cm.

As tintas de escolha aleatória, espalharam-se livremente pelo suporte, numa procura de sensações entre o corpo e matéria e numa simbiose de mistério, criação sensível que a “terra” tão bem guarda.

Oscar Wilde, revela-nos o esteticismo na sua obra “O Retrato Dorian Gray”: a procura de sensações, a superação do verdadeiro artista sobre as regras da sociedade ou da moral. A personalidade dividida de Dorian Gray é representada por uma inversão misteriosa da ordem natural, através da qual a sua verdadeira face conserva a sua serenidade imperturbável, e, ao ser vivo, com a sua transição para a morte.

Ao longo deste percurso meditativo sobre os trabalhos produzidos qualificámos muitas vezes a natureza dos seus espaços, como espaços ambíguos. Na arte, a raiz dessa ambiguidade está localizada na ideia de sublime e, mais precisamente, em algumas pinturas de William Turner. Nessas dominam o movimento, mas sobretudo a luz e a relativização das condições hierárquicas da noção de paisagem, a favor de uma sensação que implica o corpo e o espaço; há uma amplificação destas duas, porque a fusão das figuras com fundo valorizou o espaço como um todo. O apagamento dos limites das

figuras ou da organização hierárquica da paisagem promove um contínuo sensorial, muito próximo da noção do sublime e informe, um espaço sem figuras nem fundo, sem possibilidade de ser fatiado em unidades iguais, sem cor local, perspectiva linear ou cromática e até mesmo atmosférica. Um espaço assim concebido resiste à racionalidade e, por isso, é de certa forma crítico. Um dos primeiros sinais deste trabalho ocorreu precisamente durante o romantismo e não foi protagonizado propriamente por um pintor, mas por um escritor: Victor Hugo.

Victor Hugo produziu inúmeros desenhos que hoje apelidaríamos de surrealistas, mas que no momento em que foram produzidos, eram absolutamente excepcionais, na medida em que na sua tentativa de aceder ao subconsciente tentou processos de inscrição rápidos, imediatos e económicos que lhe possibilitaram desenvolver imagens muito próximas da noção de “sonho acordado”.



Figura 26. Ascenso di Maria, Zelinda – “s/ título”, 2014 – ecoline sobre tela, 56,5 X 98 cm.

O desenho constitui-se pela articulação das cores em movimento, por aquele toque que me convida a voar! Um voo como forma de liberdade para o conhecimento e progresso.

«Este progresso (inicialmente muito contra a vontade dos homens ultrapassados) metamorfoseará a vivência do amor, que agora está cheia de erros, transformá-la-ei de

cima a baixo, fazendo dela uma relação intencionada de ser humano para ser humano, já não de homem para mulher. E este amor mais humano (que se consumará de modo infinitamente atencioso e delicado, e bom e claro, num ligar-se e soltar-se), assemelhar-se-á àquele que nós em luta e esforço preparamos, assemelhar-se-á ao amor que consiste em duas solidões se protegerem uma à outra, se limitarem e se saudarem». (p.87- Rainer Maria Rilke, in *Cartas a um Jovem Poeta*).

Aspereza da vida



Figura 27. Ascenso di Maria, Zelinda – “s/ título”, 2014 – ecoline sobre tela, 58 X 99,5 cm.

É na observação das coisas da “terra”, que mais encontro verosimilhanças, um desenho que talvez faça lembrar a demarcação do território, uma ação que se prende e constata-se nas experiências do reino animal, e ao qual o ser humano não está impune. Este é mais um dos desenhos que surgiu de forma simples, através das cores e das tintas que diluí sob a tela; ao espalharem-se, criaram o espaço da matéria e acrescentaram-lhe a aspereza da vida.

Constituindo por camadas



Figura 28. Ascenso di Maria, Zelinda – “s/ título”, 2014 – ecoline sobre tela, 55 X 97 cm.

O desenho, como a vida, vai-se constituindo por camadas, que por vezes podem ser finas membranas que podem enaltecer a condição humana. Essas camadas também estão implícitas a todos os seres vivos, quer sejam animais ou plantas, mas as plantas e as árvores são as mais próximas do ser humano.

Entendo as árvores como seres passivos, amigas do homem; olho-as como observadoras da “terra”, seguem a sua linhagem durante séculos e, quando assim é, tornam-se corpulentas e linhosas, desenvolvendo e construindo histórias que ninguém saberá contar; elas são a imagem, que se subdivide em novas imagens e criam uma linguagem pouco observada; um fio condutor, a rizoma, liga-as, criando uma trama em suas raízes.

Este desenho foi criado a partir da tinta, linhas e cores, originando uma camada, matéria fina e membranosa, atravessada pela luz e o tempo de uma árvore.

Dar a ver



Figura 29. Ascensão di Maria, Zelinda – “s/ título”, 2014 – ecoline sobre tela, 57 X 98 cm.

Foram as tintas, a luz e as cores com a ajuda da mão, que deram lugar a este plano. Talvez, uma descrição de um lugar secreto e misterioso que pode ser observado e onde se abrigam mistérios. Uma das funções da arte é poder dar a ver. Como observadora e recetora, preocupo-me com o lado sensível, a “terra”. Procuo que o desenho, seja uma via de comunicação, e não apenas uma forma de voz vinda das sombras. Segundo, Gaston Bachelard, é importante entender a poética da caverna como paisagem simbólica.

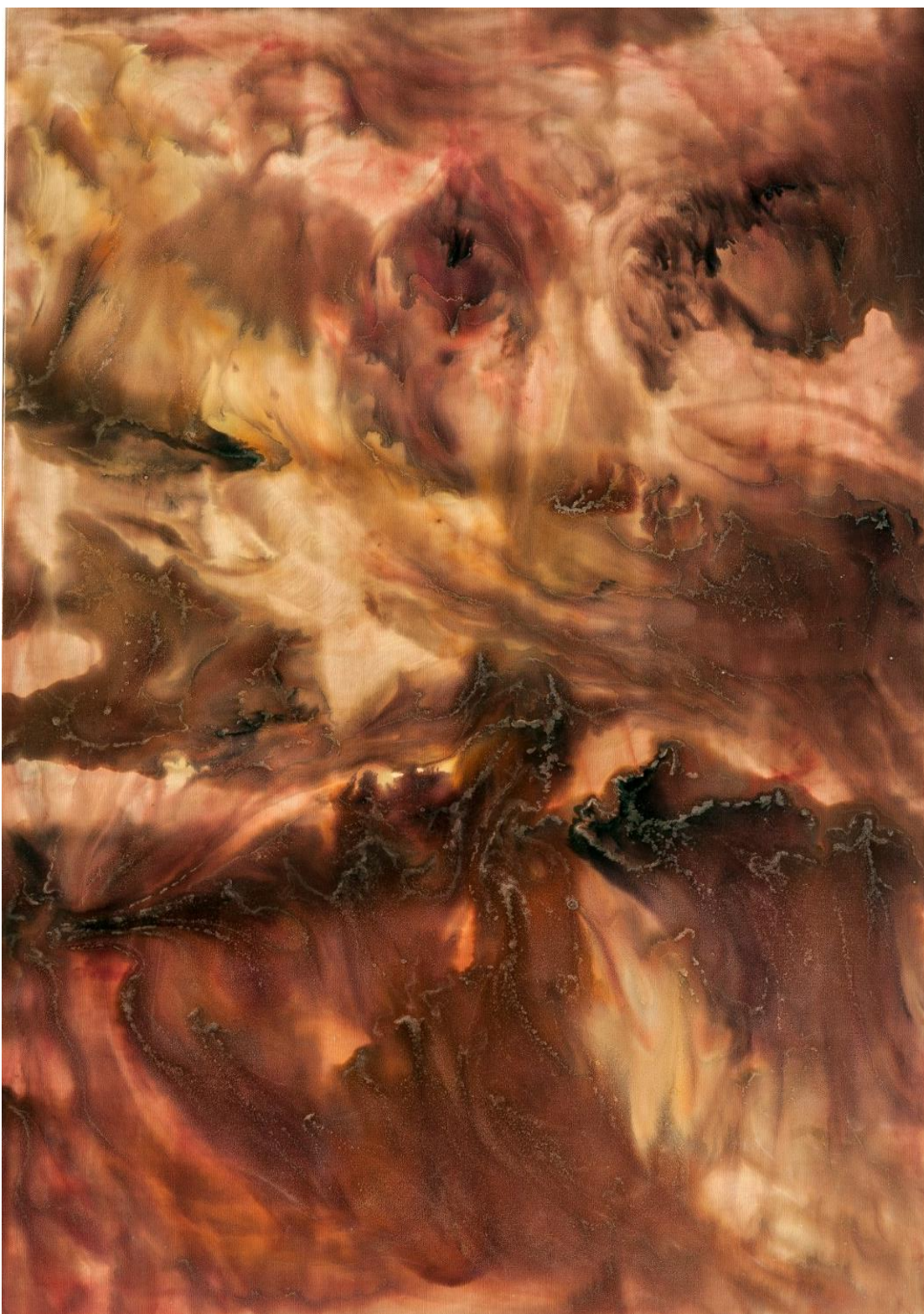


Figura 30. Ascenso di Maria, Zelinda – “s/ título”, 2014 – ecoline sobre tela, 97 X 56 cm.

Olho do cimo, vejo sombras e penhascos, gotas cristalinas brotam da terra, ponho-as a correr em mim, corremos em direção ao vale! Corro, como correm as tintas em tua tela. Quando sentimos a superfície plasmamos; sobre olhamos e refletimos o mundo. Vestimos com a mesma fimbria, desenhamos, alargamos, tateamos as margens, procurando dar-lhes sentido e cor. Alguma languidez se vai fixando, mas as gotas cristalinas nascidas lá no cimo, vêm dar as boas-vindas ao vale, vai ser a festa; a “terra”, encher-se-á de flores porque, haverá primavera.

O direito a sonhar



Figura 31. Ascenso di Maria, Zelinda – “s/ título”, 2014 – ecoline sobre tela, 98 x 48,5 cm.

O desenho, tem a força de não deixar os “caídos” e elevá-los! Esta tela relembra-me a letra de Francisco Fanhais: “Vemos ouvimos e lemos não podemos ignorar”. Cantemos.”

O corpo pode ruir em sua primeira “Casa”, mas o carácter, o estado do que pode ser diferente, dá o direito a sonhar. O tempo por direito, caracteriza-se por o *arrancar-se ao chão*, não se deixar fixar e não “ser ruína”.

A arte é um meio, que ajuda a construir os sonhos. São os pinceis as tintas os lápis e os apagamentos a saltarem fora da tela e a constituírem o direito ao ser diferente.

A ambiguidade

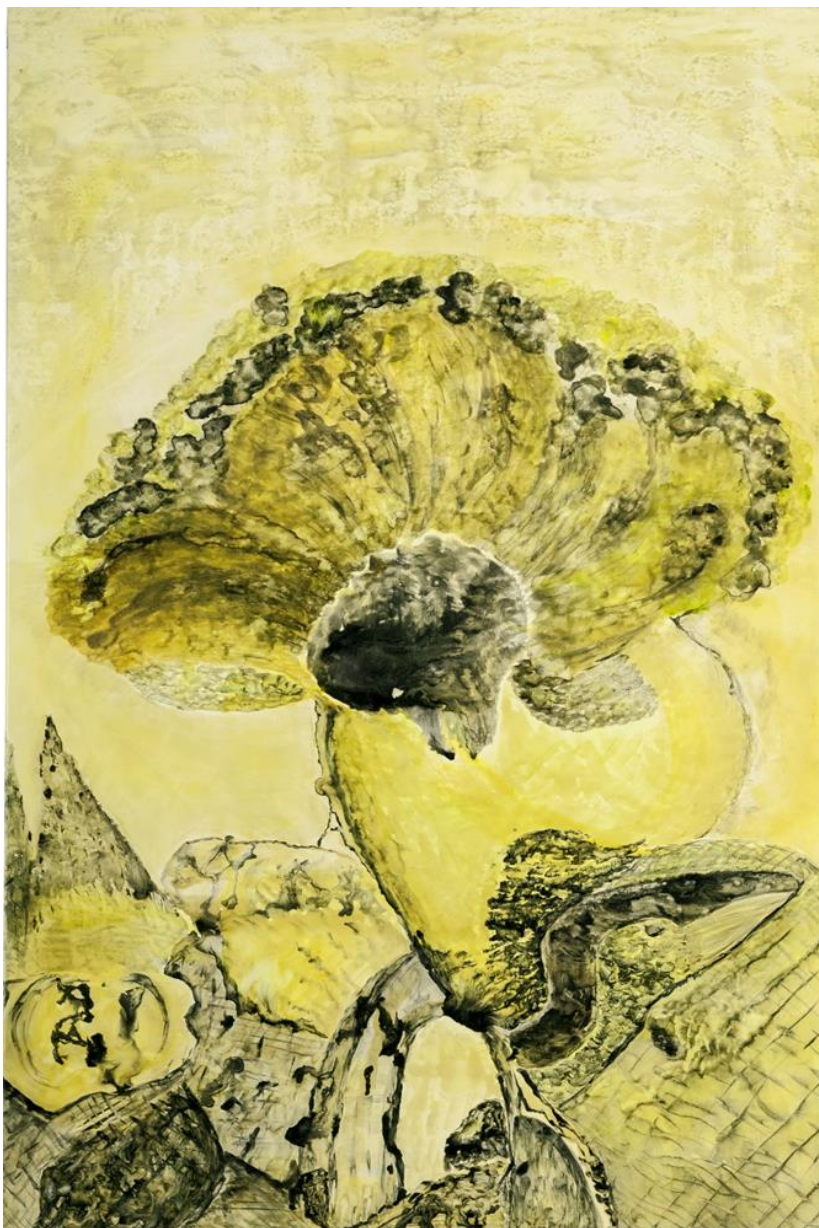


Figura 32. Ascenso di Maria, Zelinda – “s/ título”, 2014 – ecoline sobre tela, 97,5 x 56,6 cm.

Esta tela lembra-me o sítio do cogumelo branco, onde ele olha quem passa e não o veem, gritando “Um dia!”.

O objeto desenhado é mais do que um modelar de projeções, onde podem entrar ilusões da criação do mundo e permitem experiências onipotentes primitivas, que são a base para o ato criador.

Criar é uma experiência singular, inigualável acessível a todo o indivíduo, é uma questão de apreender os estímulos sensíveis, acolher as pequenas perceções, pequenos grãos que se transformam em vida; é uma forma de voar com a simplicidade de um lápis ou de um pincel.



Figura 33. Ascenso di Maria, Zelinda – “s/ título”, 2014 – ecoline sobre tela, 100 X 59 cm.

A ambiguidade do desenho tem a capacidade de nos levar a viajar no tempo e no espaço. Pode ser uma sensação do que temos e não conseguimos tocar, mas uma coisa é certa: entre a distância e o desenho está o amor, a sensibilidade que sublima o espaço que nos é dado a ver. Isto é, quando se desenha com estas matérias líquidas que gradualmente tendem para o sólido, o ritmo das sensações das percepções e das emoções, é animado pela dificuldade em dar uma forma estática a toda a composição, mas isso não se traduz num problema, mas antes numa oportunidade na medida em que, todo o pensamento, a percepção e ou emoção são móveis – nós sabemos disto no campo da arte pelo menos desde Cézanne, em que nas suas múltiplas tentativas dar forma à montanha de *Saint Victoire*. Cézanne não estava a fazer uma cópia dessa montanha, mas a correr atrás de um entendimento móvel que lhe é dado pelos sentidos sentimentos e toda aprendizagem feita pelo pintor até esse ponto em que se encontra a desenhar ou a pintar.

O desenho é uma força imaginária, onde a mão ajudou a fixar as sensações e as sensibilidades apreendidas pelo olhar. Há desenhos que viajam entre o interior e o exterior, um corpo está presente. As tintas e as cores são turbilhões que brotam como um rio e invadem o espaço. O repouso é quase imediato e transfere para a tela a permeabilidade da água, onde *luz* e “terra”, conjugaram os instantes que são dados a ver.



Figura 34. Ascenso di Maria, Zelinda – “s/ título”, 2014 – ecoline sobre tela, 55,5 X 97 cm.



Figura 35. Ascenso di Maria, Zelinda – “s/ título”, 2014 – ecoline sobre tela, 57 X 98 cm.

O desenho, ao surgir de múltiplas realidades, confere a liberdade à sua essência. As Forças fazem-no brotar, a matéria que se encontrava em repouso, rompe abruptamente através das tintas e dos pinceis, buscando no interior o que ainda arde.

A tela parece gritar: “Vou ao interior da “terra” e por ela vagueio em sua serenidade”. Apercebo-me de que *ela* também tem um interior cheio de força e energia, e de quando em vez a expele em forma de matéria, esta vem alargar a paisagem, a nossa tela com vida.

A ação do desenho e do imaginário é um combustível para vaguear por entre horizontes.



Figura 36. Ascenso di Maria, Zelinda – “s/ título”, 2014 – ecoline sobre tela, 57 X 98,5 cm.

O desenho pode emergir dos mais variados estados, que podem ser pantanosos ou lamacentos e a sua força vai criar equivalentes de realidades próximas. A água em sua componente primeira constitui-se de modo transparente e doce, brota do interior da “terra”, dando origem às fontes e aos rios. Tintas e cores pontualmente colocadas sobre a tela, irão manifestar-se num turbilhão.

Um mergulho profundo sobre as águas, trouxe ao cimo alguma da sua matéria que dá para observar partículas em forma de espuma. É o imaginário e a alma do desenho a criarem a ilusão na turbulência das águas.



Figura 37. Ascenso di Maria, Zelinda – “s/ título”, 2015 – ecoline sobre tela, 84 X 96 cm.

As cores e os desenhos, são algumas das essências que despertam e estimulam impulsos e sentidos, as cores pairam no exterior, quando não hierarquizadas fazem correr mundo, como uma borboleta ou um pássaro. As cores mais quentes fazem-me sentir a vitalidade da “terra”, e empurram-me para a descoberta de coisas imprevisíveis, onde pode pairar o bom odor ou nem por isso. As cores mais frias acolhem-me no côncavo de uma rocha e aí fico a observar o mundo.



figura 38. Ascenso di Maria, Zelinda – “s/ título”, 2015 – ecoline sobre tela, 85 X 98cm

O desenho constrói arte e vida, as tintas e os pinceis são apenas os instrumentos que assaltam os desenhos em seu suporte, ajudando-os a constituírem-se. O desenho é uma componente viva que intervêm na realização pessoal, a mão apostada em contribuir para a melhoria da condição Humana. Um sentido forte do desenho começa por juntar pequenas sensações do que está fora e à nossa volta, tendo por base a simplicidade e a sensibilidade do que está dentro. É a agregação de pontos de vista com vida e cor.

Olhei pela janela e vi a natureza digna de uma moldura. São gestos e sensibilidades que se agregam e desagregam, deixam passar a riqueza da criação que constituem a vida, a transparência de uma tela.



Figura. 39. Ascenso di Maria, Zelinda – “s/ título”, 2015 – ecoline sobre tela, 85 X 97cm.

A água e a luz são presenças do desenho, são fontes da criação. Desenhos há que não nascem em solo tratado para ser fértil, mas em escombros onde ainda há vida.

A “terra”, fervilha de vida, paisagem de beleza inigualável que se perpetua há milhões de anos. Olho a sua realidade, as pequenas realidades que descrevo de forma a refletirem a força que há nas tintas e nos gestos da mão. A capacidade da mão criadora cruza-se com os estímulos da mente e trazem ao nosso olhar alguns desenhos. Esses objetos disfuncionais, mas que acarretam em si valores sensíveis, trazem para fora a agonia, um sofrimento comum ao ser humano e aos outros animais. Os homens e a natureza partilham as dificuldades do ser. O desenho é uma forma de expressão, que nem sempre descreve e

dá a ver os melhores ângulos de visão. Por vezes, esconde realidades, deixando que o “olhar” fique preso à sua própria anulação.



Figura 40. Ascenso di Maria, Zelinda – “s/ título”, 2015 – ecoline sobre tela, 88,5 X 100 cm.

O desenho tem vindo a atravessar o tempo, e tem-nos dado a ver, de uma forma descritiva, os grandes templos e a história. Mas é certo que existem muitos desenhos que ficam no limbo. É preciso atravessá-los. Estes são potes cheios de esquecimentos, negligências, indefinições, incertezas e maldade.

O projeto criativo balança-se entre o lugar do sagrado e a zona do cadeiral, onde foram e vão sendo tecidas algumas das realidades, que não nos deixam ascender ao “Céu” da verdade. Este é um pote que quer ser dissecado, para voltar a ser cheio de amor, arte e verdade.

Conclusão

Philip Rawson, no seu livro intitulado *Drawing*², defende o desenho como sendo o “elemento numa obra de arte que é independente da cor ou do espaço propriamente tridimensional.” Isto é, o desenho surge independente da pintura e da escultura. Jean- Luc Nancy no seu texto intitulado “O Prazer do Desenho”³, vai ainda mais longe ao defender que o desenho é um movimento pré-formal, “o desenho é abertura da forma. É-o em dois sentidos: abertura enquanto início, ponto de partida, origem, envio, ímpeto ou levantamento, e a abertura como disponibilidade ou capacidade própria. De acordo com o primeiro sentido, o desenho evoca mais o gesto do desenhador do que a figura traçada; de acordo com o segundo, ele indica um inacabamento essencial nessa figura, um não-fechamento ou uma não-totalização da forma. de uma e de outra maneira, o vocábulo «desenho» retém um valor dinâmico, energético ou incoativo que- por exemplo- a palavra «pintura», ou as palavras «filme» ou «cinema» não retêm. Em contrapartida, vocábulos como «música» e «dança», ou ainda «poesia», mas também «palavra» ou canto, estão mais próximos desta preservação do dinâmico o do potencial no valor atual ou situacional. «Desenho» integra um regime semântico em que o ato e a potência se misturam, em que o sentido do ato, do estado ou do ente considerado não pode ser inteiramente separado do sentido do gesto, do movimento e do devir. O vocábulo «desenho» transporta-se, atira-se adiante de toda a forma depositada, de todo o traçado [tracé], como se estivesse lançando num traço que é sempre preciso descobrir de novo, ou mesmo abrir, franquiar, começar, golpear.⁴

Na citação que acabámos de fazer em cima, Jean Luc-Nancy não só nos lembra que o desenho é um movimento pré-formal, portanto um movimento que tem a ver com as forças mais do que com as formas. Mas também nos diz que o próprio desenho implica uma afinidade grande com o corpo, na sua impulsividade e errância. Implica economia e marcação direta, é por isso que a música a dança ou a poesia estão mais próximas do desenho. Aliás Hannah Arendt identificou exatamente o mesmo, no seu livro intitulado *A Condição Humana* lembra que, “na música e na poesia, que são as menos «materialistas» das artes porque o seu «material» consiste em sons e palavras, a

² RAWSON, Philip, *Drawing*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, Second Edition, 1987.

³ Nancy, Jean-Luc, *O Prazer no Desenho*, Ed. e trad. De Jorge Leandro Rosa, Lisboa, Fundação Carmona e Costa/Documenta, 2002.

⁴ *Ibidem*, pág. 9

reificação e o artesanato necessários são mínimos.”⁵ por ser imediato, e nas vizinhanças com um corpo vivo que se expressa sem qualquer tipo de ilusionismo, o desenho pode possuir tanto um fundo animal, o impulsivo, como profundamente intelectual, e portanto sensível e inteligível, implicando a percepção, a conceção ou a atividade conceptual mais elaborada. Tendo em conta estas determinações, não é de admirar que Zelinda Raposo tenha escrito várias poesias ao longo da elaboração dos vários desenhos, de que esta dissertação por uma questão de foco, apenas evidencia uma. Também é de reparar que muito embora muitos dos trabalhos apresentados impliquem a cor e sejam executados sobre tela, isso não faz deles trabalhos propriamente de pintura. Eles são antes de mais desenhos, na medida em que a sua execução imediata e a propensão para a gestação das formas, antes mesmo das formas acabadas, os dotam de especial dinamismo e força.

Zelinda Raposo utiliza tintas de fácil diluição, que oscilam entre o estado líquido assistemático e o sólido próprio da sua secagem. Experimentou o desenho enquanto forma mais imediata de expressão humana. A sua diligência adequada e expedita prende-se com a economia dos meios utilizados, em nenhum momento a autora necessitou de um aparato significativo para produzir o seu trabalho. Bastava ter uma tinta, quase sempre de cores que não desbotam com o tempo, as cores próprias da terra e as das rochas, mas também as cores próprias dos seres vivos vegetais, fungos ou líquenes, espalhar essas tintas sobre o suporte, ir manipulando a partir daquilo que lhe sugeria o seu avanço ou alastramento. Foi importante então ser incitada pela surpresa própria que a errância da tinta provoca ao alastrar sobre o suporte.

Repetidas vezes as figuras com que se encontrava, ou melhor as quase-figuras com que se encontrava, revisitavam experiências de infância, óticas, táteis, mas sobretudo hápticas. Mas este revisitar, nunca é evocativo ou mimético, deriva antes e uma atenção àquilo que ocorre no próprio momento em que se faz o desenho. É uma experiência muda que não se compadece com qualquer estratificação de carácter filosófico ou crítico, daí toda a dissertação ter valorizado tanto o trabalho produzido como as notas de atelier, que acompanham cada trabalho produzido. Evitámos, à exceção do momento da conclusão, a intromissão de referências bibliográficas que não fossem naturais no próprio processo de trabalho. O objetivo foi então partilhar, que pensamento ocorre durante a execução e num primeiro momento da primeira receção por parte do autor. Verbalizar essa experiência

⁵ ARENDT, Hannah, *A Condição Humana*, Trad. Roberto Raposo, Lisboa, Relógio d'água, 2001, p. 210.

pode contribuir para entender um pouco melhor a prática do desenho e sobretudo tornar mais produtivo no futuro um entendimento teórico próprio sobre a experiência do fazer.

Zelinda Raposo no seu trabalho, não utiliza códigos ou convenções, joga-se diretamente sobre o abismo não saber muito bem o que vai fazer com a manipulação das tintas, mas assim que inicia o trabalho, as livres escorrências, o alastramento, as misturas entre as cores imediatamente começam a apelar para um tipo de imaginação particular, “imaginação material” diríamos nós a partir daquilo que foi o trabalho sobre a imaginação da matéria feito por Gaston Bachelard. Isto quer dizer que todo o trabalho surge da atenção, àquilo que as características do próprio material possibilitam. Podemos falar aqui de um certo automatismo, e até automatismo psíquico primeiramente preconizado pelos surrealistas. O facto de o trabalho não necessitar de códigos ou convenções para ser iniciado coloca imediatamente aquilo que é feito do lado da expressão e não do lado da comunicação. Dessa forma, pode dizer-se o desenho é espiritual, subjetivo e inventivo.

Procurou-se uma prática mais imediata do desenho, com grande economia de meios. Philip Rawson em *Drawing* concebe o desenho como uma atividade prévia às categorias da pintura ou da escultura. Também John Berger, no seu livro intitulado *Berger on Drawing*⁶, distingue o desenho da pintura, referindo um certo carácter transparente do desenho no sentido em que este não tende a apagar as marcas da sua génese por debaixo de artificios. “*Os desenhos revelam mais claramente o processo da sua execução, do seu próprio olhar. A facilidade imitativa da pintura parece ser mais importante que as razões da sua construção. as grandes pinturas não estão disfarçadas desta forma. Mas mesmo um desenho de terceira categoria revela sempre o processo da sua criação.*”⁷ O desenho é assim altamente transparente, mas podemos dizer que ele é também imediato, económico, direto, regista mais rapidamente e eficazmente qualquer pensamento, sentimento ou perceção. Isso é tão verdade, que mesmo perante uma reprodução de um desenho, podemos seguir e aprender com todos os passos que foram dados para a produção daquela imagem desenhada. Em nenhum outro meio, aura e revelação da aura, ocorre tão eficazmente como no desenho.

O desenho é uma forma de pensamento em ato. Não um pensamento como aquele que ocorre a partir das determinações racionais usando a linguagem verbal, mas antes um

⁶ BERGER, John, *Berger on Drawing*, Occasional Press, 2005,

⁷ *Ibidem*, pág. 8

pensamento, impuro, indisciplinado, arriscado e por isso, menos cauteloso. Trata-se de um pensamento que procura compreender as coisas visíveis e/ou invisíveis no exato momento em que a questão se coloca. No desenho, pergunta e resposta são gêmeas e os melhores desenhos são aqueles que nunca resolvem esta sequência dialética. O pensamento no desenho de Zelinda Raposo é realizado com o auxílio da linguagem muda das ecolines e dos pelos dos pinceis.

Na sequência do fazer do desenho a mão é uma colaboradora arrojada do cérebro e não uma serva obediente deste, pudemos testemunhar a força que o trabalho manual tem na compreensão das coisas do espírito e da expressão, tal como nos lembra Henri Focillon no seu livro intitulado *A Vida das Formas, Seguido de Elogio da Mão*. Desejamos que essa compreensão tenha acontecido nos vários andamentos desta dissertação e exposição pública.

Bibliografia.

ARENDDT, Hannah, A Condição Humana, Trad. Roberto Raposo, Lisboa, Relógio d'água, 2001

BACHELARD, Gaston, A Poética do Espaço, Trad. de António Danesi, São Paulo, Martins Fontes, 2000.

_____, Gaston, O Ar e os Sonhos, São Paulo, Martins Fontes, 1991.

_____, Gaston, A Poética do Devaneio, Trad. de António Danesi, São Paulo, Martins Fontes, 2001.

_____, Gaston, A Terra e os Devaneios do Repouso, Ensaio sobre as imagens Da Intimidade, Trad. De Paulo Neves, São Paulo, Martins Fontes, 1990.

_____, Gaston, A Terra e os Devaneios da Vontade, Ensaio sobre a imaginação das forças, Trad. de Maria Galvão, São Paulo, Martins Fontes, 2001.

_____, Gaston, O Direito de Sonhar, trad. de José Américo Motta Pessanha, Jacqueline Raas, Maria Lúcia de Carvalho Monteiro y Maria Isabel Raposo, Lisboa, Difel, 1986

_____, Gaston, A Água e os Sonhos Ensaio sobre a imaginação da matéria, Trad. de António de Pádua Danesi, São Paulo, Martins Fontes, 2002.

BERGER, John, Berger on Drawing, Occasional Press, 2005.

CÉZANNE, Paul, Correspondência Paul Cézanne, Trad. de António Paulo Danesi, São Paulo, Martins Fontes, 1992.

DA VINCI, Leonardo. Tratado de la pintura. "Los elementos del pintor". Buenos Aires: Need, 1999

FOCILLON, Henri, A Vida Das Formas. Seguido de Elogio da Mão, Trad. de Ruy Oliveira, Lisboa, Edições 70, 2001.

MOLDER, Maria Filomena, O Absoluto Que Pertence À Terra, Lisboa, Vendaval, 2005

NANCY, Jean-Luc, O Prazer no Desenho, Ed. e trad. De Jorge Leandro Rosa, Lisboa, Fundação Carmona e Costa/Documenta, 2002.

LEBEL, Jean-Jacques, PRÉVOST, Marie-Laure. Victor Hugo, “caos en el pincel...”. Madrid: Museo Thyssen – Bornemiszna, 2000.

RAWSON, Philip, Drawing, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 2ª ed., 1987.

RILKE, Rainer Maria, Cartas a um jovem poeta. Tradução, prefácio e notas de V. G. M., Lisboa, ASA. 2002.

